

## A ESPERANÇA DE PROMETEU \*

“Depois de morto D. João e morto Jeová, resta-me ressuscitar Jesus e desagrilhoar Prometeu.

Esse último poema, o *Prometeu Libertado*, será o fecho da trilogia...”<sup>1</sup>

Considerava, portanto, Guerra Junqueiro que, uma vez aniquilados os símbolos do mal — D. João e Jeová<sup>2</sup> — o mártir do Gólgota e o do Cáucaso trariam ao mundo a esperança, a harmonia e a justiça<sup>3</sup>.

Durante quase toda a sua vida literária, conviveu o Poeta com este ambicioso propósito. Não admira, por isso, que já no poema “Introdução” da primeira obra de fôlego que compôs — *A Morte de D. João*, publicada aos 24 anos — tenha escrito:

“Depois ide dizer ao pálido Jesus  
Que não vos basta a fé católico-romana,  
E que o mundo precisa um vendaval de luz  
E que precisa um Deus a consciência humana.”

---

\* Reflexões sobre o *Prometeu Libertado* de Guerra Junqueiro e o *Canto de Prometeu* de João de Barros, em homenagem ao Prof. Doutor Óscar Lopes, classicista ilustre e estudioso emérito da Literatura Portuguesa.

<sup>1</sup> JUNQUEIRO, Guerra — *A Velhice do Padre Eterno*, ed. ilustrada por Leal da Câmara, Porto, Lello & Irmão, 1926, p. 263.

Nesta “Nota”, o Poeta dá conta de dois projectos que nunca chegou a realizar: a publicação de *A Morte do Padre Eterno* e de *Prometeu Libertado*.

<sup>2</sup> “E a causa disto tudo é o velho Padre Eterno

E o velho D. João:

Um fez o lupanar, o outro fez o Inferno

Um fez a tirania, o outro a devassidão.”

(JUNQUEIRO, Guerra — *A Morte de D. João*, 14.<sup>a</sup> ed., Porto, Lello & Irmão, p.56).

<sup>3</sup> “Terei os anos de vida necessários para escrever esse livro? Não sei; no entanto, rogo a Deus do fundo da minha alma que me deixe terminar com um hino de esperança e de harmonia uma batalha de cóleras e de sarcasmos.” (*A Velhice*, ed. cit., p. 263).

“Depois da negação, a afirmação. Depois de ter destruído o mal, simbolizado nesses dois vultos grandiosos, é necessário afirmar a justiça encarnada em duas figuras sublimes, Cristo e Prometeu.” (*A Morte de D. João*, ed. cit., p. 347).

“Que venha fulminar o abutre-tiranía,  
O abutre colossal, feroz, ensanguentado,  
Que há seis mil anos já, devora noite e dia  
O Prometeu antigo, o heróico sublevado.

Prometeu e Jesus, a liberdade e a crença,  
Unidos num abraço estreito e fraternal,  
Farão da natureza uma harmonia imensa.  
Farão do velho Deus um Deus universal.”

Data de Julho de 1891 uma carta do Poeta a Alberto de Oliveira, na qual põe em evidência quão essencial se lhe afigurava escrever esta obra: “Depois, enclausurar-me-ei dentro do Prometeu, como dentro dum mosteiro inacessível. É a alma da minha alma, o sangue do meu sangue. Com a mesma franqueza com que lhe digo que de toda a minha obra serão legíveis em 200 anos talvez 200 páginas, eu lhe declaro também que o meu poema, se tiver tempo de escrevê-lo (feito está<sup>4</sup> ele até à última linha) será uma grande e formidável obra de arte. ... Trago a intenção de muito longe, de sorte que, à força de a meditar e fecundar, a cristalicei numa síntese estu-penda, profunda como a noite, nítida como o dia.”<sup>5</sup>

Mas, apesar de, nesta missiva, Guerra Junqueiro parecer determinado a abalançar-se à tarefa, no entanto, alguns anos volvidos, em Junho de 1904, confessava a Lopes de Oliveira que, por causa do paludismo, que lhe afetara a memória, se sentia incapaz de levar a cabo o *Prometeu Libertado*<sup>6</sup>.

Quando, na primavera de 1923, alguns meses antes de falecer, foi visitado, no Porto, pelo seu amigo Luís de Magalhães, falou-lhe, com amargura,

---

<sup>4</sup> Para bem se compreender esta asserção do Vate, é necessário conhecer-se o modo como ele compunha os seus versos. Lopes de Oliveira (*Memórias - Guerra Junqueiro*, Lisboa, Editorial Cosmos, 1938, p. XIX) que o compara a um aedo e a um apóstolo, entende que “Junqueiro nascera para falar” e que “o seu pensamento, para exprimir-se, procura primeiro a voz”, asseverando que, deste modo, “escrever é para ele um acto secundário, complementar”. Mais adiante (pp. 42-43) e também em *Guerra Junqueiro — A sua vida e a sua obra*, (I, Lisboa, Edições Excelsior, 1954, pp. 196-198) Lopes de Oliveira narra uma conversa tida com Junqueiro, na qual o próprio Poeta descreve o processo de elaboração mental da sua poesia, confessando que compunha “passeando”, pois “só a marcha “ lhe dava “o ritmo”. Caminhava através dos campos, das praias, das ruas, para que a ideia se fosse “gerando no subconsciente”. “Nunca escrevi um verso, sem que o tivesse, antes, na cabeça” — afirmava . E concluía: “... ando léguas. E, voltando a casa, escrevo, sem uma emenda, os cinquenta, os cem, os duzentos versos que compus”.

<sup>5</sup> Apud OLIVEIRA, Lopes de — *Guerra Junqueiro*, II, pp. 193-194.

<sup>6</sup> OLIVEIRA, Lopes de — *Memórias*, pp. 41-43.

das obras que, devido à intervenção na vida política, deixaria incompletas, entre as quais o *Prometeu Libertado*<sup>7</sup>.

Fosse por que motivo fosse — quer por aqueles que ele invocara, como a doença e o empenhamento político, quer, simplesmente, pelo seu temperamento errático<sup>8</sup> —, Junqueiro acabou por deixar abortar o sonho da sua vida, que chegou a apelar de “a mais bela, a mais vasta concepção da minha musa”<sup>9</sup>.

E, assim, aos 72 anos de idade e já bastante enfermo, o Poeta sentia-se sem forças para realizar o que fora o anseio de quase toda a sua vida.

No entanto, como considerava que a sua “ideia era genial” e que “havia atingido a *omnipotência* da forma”<sup>10</sup>, leu o esboço do poema a Luís de Magalhães, que alvitrou a sua publicação, não obstante o estado fragmentário em que se encontrava. Opôs-se o Poeta, mas, instado pelo amigo, acabou por aquiescer. Mas, a 7 de Julho desse mesmo ano, Junqueiro expirava, em Lisboa. Por isso, só postumamente foi dado à estampa por Luís de Magalhães o “morto embrião”<sup>11</sup> do *Prometeu Libertado*: alguns trechos avulsos que perfazem cerca de centena e meia de versos, acompanhados duma sinopse muito circunstanciada.

---

<sup>7</sup> JUNQUEIRO, Guerra — *Prometeu Libertado* (esboço do poema), “Prefácio” de Luís de Magalhães, Porto, Lello & Irmão, 1926, pp. 7-8.

<sup>8</sup> Luís de Magalhães (*ibidem.*, p. 19) relata a diversidade multiface dos interesses pelos quais Guerra Junqueiro repartia o seu tempo e o seu espírito e que iam da composição poética ao conhecimento científico, da política à *bric-à-braque*, da viticultura às lucubrações filosóficas. Sublinha este autor, por isso, o aspecto “avulso, fragmentário, desordenado” do trabalho de Guerra Junqueiro, atribuindo-o ao seu “espírito dispersivo, instável, insumisso a toda a disciplina, incapaz de resistir às influências e tentações do momento.” Lopes de Oliveira (*Guerra Junqueiro*, II, p. 50) considera-o, outrossim, “um espírito *primesautier*”, acrescentando uma observação que poderá lançar alguma luz, não só sobre o facto de ter deixado inconcluso o *Prometeu Libertado*, mas também sobre as modificações que foi introduzindo ao seu bosquejo inicial: “se as condições da sua vida o impedião de efectuar as suas ideações imediatamente, tornava-se-lhe impossível ou muito difícil, pelo menos, a execução de qualquer plano, mesmo até porque a sua fervente imaginação o alterava incessantemente.”

<sup>9</sup> Carta a Bernardo Pindela (11-XI-1988) *apud* OLIVEIRA, Lopes de — *Guerra Junqueiro*, II, p. 144.

Lê-se ainda na referida epístola:

“Era o livro que eu reservava para o fim. Mas como o fim pode principiar quando menos o espere, vou atirar-me a essa empresa colossal daqui a meio ano.”

Destas palavras se infere que Guerra Junqueiro queria tanto a este seu projectado poema que gostaria de ter feito dele o seu *canto do cisne*.

<sup>10</sup> MAGALHÃES, Luís — *Op. cit.*, p. 8.

<sup>11</sup> *Ibidem*, p. 20: “... não é sem uma viva mágoa que o contemplamos assim no seu morto embrião”.

Projectava Guerra Junqueiro escrever um poema em cinco cantos, em versos alexandrinos, cujo tema seria a libertação de Prometeu por Jesus.

O primitivo plano já se encontra delineado, a traços largos, na “Nota” à *Velhice do Padre Eterno*<sup>12</sup>. O poema seria dividido em duas partes, sendo a primeira, como Junqueiro aí refere, “a epopeia do Trabalho, a glorificação de Prometeu pela humanidade e pela natureza” e a segunda, o desagrilhoamento do Titã por Cristo, que “levantando-se do seu túmulo, vem fulminar o abutre”<sup>13</sup>.

Mas o esboço do *Prometeu Libertado*, que Luís de Magalhães editou, não só é muito mais desenvolvido que o inicial, como também apresenta uma relevante diferença: — Cristo não mata o abutre nem desacorrenta Prometeu<sup>14</sup>. Veremos, mais adiante, que a libertação que o Redentor traz ao Titã é apenas moral: esse resgate é a conversão de Prometeu.

Consumar-se-ia, nesta última cena, a vitória do Cristianismo,<sup>15</sup> *leitmotiv* de todo este poema, que deveria abrir com um diálogo ente o Titã, agrilhado no Cáucaso e Jesus, crucificado no Calvário. Para esse canto I escreveu Junqueiro, em 1879, o trecho “O Infinito”, onde ao encomiástico discurso do Titã sobre os progressos da ciência se contrapõem as místicas palavras de Jesus, que são um hino de exaltação da natureza.

Discorre Prometeu:

“Quando a nuvem lançava o tenebroso véu  
Sobre os astros, fechava o livro fulgurante  
Aonde em letras d’ouro a custo o navegante  
Soletrava o roteiro. A ciência veio então,  
E disse: Na maior, mais funda escuridão,  
No ilimitado mar, na treva ilimitada,  
A ponta duma agulha há-de ensinar a estrada  
Ao marinheiro. Deus não fez bastantes sóis.  
É o mesmo; com a lança em brasa dos faróis  
Trespasamos da noite o grande bojo escuro!”

---

<sup>12</sup> *Ed. cit.*, pp. 263-264.

<sup>13</sup> Por meio duma expressiva justaposição, criou Junqueiro o feliz composto *abutre-tiranía*, que, como já vimos, se nos depara logo no primeiro poema do livro que deveria constituir a primeira parte da trilogia — *A Morte de D. João*. Indiciando uma atitude nova perante o mito de Prometeu, os autores modernos que o retomaram substituíram, significativamente, a água que devorava o fígado do Titã — a nobre ave de Zeus — pelo abutre, negativamente conotado. Cf. DUCHEMIN, Jacqueline — *Prométhée — Le mythe et ses origines*, Paris, Les Belles Lettres, 1974, p. 155, n. 3.

<sup>14</sup> Segundo o referido esboço, Prometeu surgiria desagrilhoado, no canto III, sem que seja sequer indicado o nome do seu libertador.

<sup>15</sup> Aliás, Luís de Magalhães (*op. cit.*, p. 24) chega a opinar que a *A Vitória do Cristianismo* poderia ser o subtítulo do *Prometeu Libertado*.

Responde Jesus:

“Sobre o grande problema insondável da vida,  
Diz-me mais numa encosta uma rosa florida,  
Uma abelha a zumbir sobre o mel dum nectário  
Uma ave num ramo, uma cruz num calvário,  
Um cardo, um cardo só na aridez das charnecas,  
Que as vossas prelecções e as vossas bibliotecas,  
Ó sábios que negais a luz da Providência.”

Na epopeia da história da Humanidade que este esboço pormenorizado deixa adivinhar<sup>16</sup>, à crucificação do Nazareno seguir-se-ia, naturalmente, a Cristianização.

O canto II conteria o sermão de S. Paulo, de que o autor apresenta um “rápido sumário”. Com a sua pregação, o santo poria fim à “bacanal naturalista que decorre desde Alexandre a Heliogábalo”<sup>17</sup>, à “retumbante orgia desgrenhada que foi o epílogo demente e pavoroso do mundo antigo”. Finda a prédica, o mundo, simbolicamente, ficaria repleto de cruzes.

“Rematariam o canto os seguintes versos:  
Cruzes, cruzes sem fim, de cedro ou de granito,  
De topo em topo e monte em monte e serra em serra,  
Como braços de angústia abraçando o infinito,  
Como punhais de dor apunhalando a terra.”

Pertenceria ao canto III um poema acentuadamente lírico sobre o luar<sup>18</sup>, escrito em 1890 e intitulado “A ressurreição pagã”.

---

<sup>16</sup> Admirador como era de Vitor Hugo, Junqueiro pode ter sofrido uma certa influência de *La Légende des Siècles*.

<sup>17</sup> A despeito da anacrónica referência a Heliogábalo (séc. III) — a ser fidedigna a leitura de Luís de Magalhães —, que Junqueiro, no entanto, poderia ter apenas mencionado, sem preocupações cronológicas, como símbolo da devassidão e da luxúria, presumimos que, neste contexto, S. Paulo deverá ser o *Apóstolo dos gentios* (séc. I) e não qualquer dos outros santos seus homónimos, que viveram mais tarde.

<sup>18</sup> Luís de Magalhães (*ibidem.*, p. 26) informa ter sido Junqueiro inspirado pela *Sonata ao Luar* de Beethoven, observando que “o poeta trasladou para o verso a harmonia da música, por meio de consonâncias repetidas e o emprego frequente do ritmo tri-cesurado”.

Por causa da musicalidade da lírica junqueiriana, Teixeira de Pascoais, por ocasião da morte do Poeta, apelidou-o de *Beethoven do verso*.

O misticismo da Antiguidade, que emana da noite inundada de luar, renasce neste trecho, cuja nota dominante é o pampsiquismo panteísta de Guerra Junqueiro, de que são exemplo os versos:

“A terra que amamenta as florestas vorazes,  
Imortal virgem-mãe de robles e lilases  
Fecundada sem nódoa e prenhe sem pecado  
Pela divina graça ideal do sol doirado.”

Ou ainda, mais adiante:

“E pela musical abóbada estrelada,  
Deslumbradoramente espiritualizada,  
A um magnófico alvor de sagração, entoa  
O Ecce-Deus extasiante, ondeante, que reboia  
Olímpico...”

Graças a um curioso fenómeno de sincretismo religioso, a deusa helénica da Lua, Selene, e Hécate — estranha divindade, de carácter originariamente lunar, que presidia a feitiçarias e encantamentos e que detinha um grande poder nas regiões infernais — acabaram por fundir-se com Ártemis<sup>19</sup>. É de crer que, por isso, tanto a prática das artes mágicas<sup>20</sup>, como a vida além-túmulo apareçam associadas à Lua.

Plutarco (*Moralia*, 766 c) e Marciano Capela (2, 161), por sua vez, entendiam que a Lua, por pertencer à esfera da Noite, tinha relação com o mundo dos mortos<sup>21</sup>. Esta conexão evidencia-se, no seguinte excerto: <sup>22</sup>

“Nas verduras esfolha equívocos lampejos,  
Borboleteamento eólico de beijos,  
Beijos fátuos d’amor, fosforecendo, errando,  
Sobre sepulcros onde estivessem chorando  
Sangrentos corações de Julietas e Ofélias...”

<sup>19</sup> Por este motivo, chama Horácio (*Odes*, III, 22, 4), *Diua triformis* à divindade itálica Diana (identificada com Ártemis).

<sup>20</sup> A atestar esta íntima relação entre a Lua e a magia está o facto de alguns autores antigos — Platão (*Górgias*, 513a), Horácio (*Épodos*, 5,46; 17,7), Virgílio (*Bucólicas*, VIII, 69) e Ovídio (*Metamorfoses*, 7, 207sq.) — referirem, para justificarem os eclipses lunares, que as feitiçarias conseguiam atrair a Lua para a Terra.

<sup>21</sup> Cf. *Der Kleine Pauly - Lexicon der Antike*, München, Deutscher Taschenbuch Verlag, 1979, s.v. Selene.

<sup>22</sup> Nesta ligação entre o luar e a tumba, podem notar-se ainda laivos dum Ultra-romantismo à Soares de Passos (vide “O Noivado do Sepulcro”), que lembram a influência sofrida por Junqueiro na juventude. Cf. CARVALHO, Amorim de — *Guerra Junqueiro e a sua obra poética*, Porto, Livraria Figueirinhas, 1945, p. 23-31.

Em suma, porventura pelas razões acima apontadas, a Lua terá sido metonimicamente utilizada por Junqueiro para representar o paganismo, do mesmo modo que, alguns anos mais tarde, na *Oração à Luz*, o astro-rei (a “Luz-esp’rança, luz rútila da aurora”), simetricamente e em conformidade também com o panteísmo pampsiquista, virá a simbolizar Cristo<sup>23</sup>.

Neste ambiente renascentista de ressurreição pagã do canto III, Prometeu desagrilhoado, escalaria o Olimpo e cumpriria o seu desígnio inicial de destruir as divindades e de, pela libertação, fazer de cada homem um deus.

Bem ao contrário das suas expectativas, os homens não alcançariam a liberdade, porque a escravizá-los surgiria, no Canto IV, o despótico “Deus-Milhão”, que cobriria a terra de “miséria, crime e devassidão”.

Na nova conjuntura, o Titã incitaria a Humanidade escravizada a matar o opressor, mas do triunfo dos revoltosos resultaria que, uma vez libertos, os homens se transformariam em tiranos, e no meio duma anarquia sanguinária, destruir-se-iam uns aos outros, o que levaria ao Niilismo.

Por fim, no Canto V, Prometeu, pesaroso, choraria com saudades do seu suplício no Cáucaso. Acorrentavam-no, agora, cadeias mais mortificantes que as de bronze e torturava-o um novo abutre que não lhe roía o fígado, mas a alma, o “abutre da desilusão e do desespero, o abutre satânico”.

Então, o Messias viria, através da conversão, libertar Prometeu deste suplício moral e o Titã, cristianizado, exclamaria: “Só agora sou livre. Foi Jesus Cristo que me libertou.”

Perdida a fé na ciência (canto I) e na humanidade (cantos III e IV), renascia, agora, para Prometeu a esperança, trazida por Jesus<sup>24</sup>, que não

---

<sup>23</sup> O oiro divino das manhãs formosas,  
Que os orbes veste de sendais de rosas,  
Como se fossem pobrezinhos nus,  
É o estertor e a dor do teu fadário,  
É sangue a espadanar do teu calvário,  
A jorrar do teu corpo e da tua cruz!

Bendito o cristo-sol na cruz ardente,  
O monstro-mártir, que infinitamente  
Por nós expira soluçando luz...

<sup>24</sup> A esta esperança já se tinha referido Junqueiro, na *Velhice do Padre Eterno* (ed. cit., p. 137):

... O mártir que fez com seu olhar sublime  
O luar do Perdão para a noite do Crime,  
E que abriu com a luz da bem-aventurança  
Neste cárcere — a Vida, esta janela — a Esp’rança.

possuía, contudo, a essência divina, tendo apenas, de acordo com as concepções filosófico-religiosas de Renan, que o Poeta perfilhava<sup>25</sup>, natureza humana.

Segundo o tratamento que os autores modernos deram ao mito grego de Prometeu, J. Duchemin<sup>26</sup> separa as obras em que é patente o desespero daquelas que contêm uma mensagem de esperança.

Entre as primeiras avulta o poema *Prométhée* de Roger Dumas, datado de 1897, que J. Duchemin considera “revelador duma época em que a herança espiritual dum Leconte de Lisle se une às preocupações dramáticas de Renan”<sup>27</sup>, autores que, aliás, exerceram influência em Guerra Junqueiro. Podem encontrar-se pontos de contacto entre este poema de Roger Dumas<sup>28</sup> e a trilogia junqueiriana, como, por exemplo, o simbolismo da submissão de Zeus, que representaria a sujeição do espírito aos que o querem manter no obscurantismo; a assimilação ente Júpiter (*sic*) e Jeová<sup>29</sup>; o facto de Prometeu se libertar dos grilhões sem qualquer ajuda; o arrependimento do Titã, desiludido com a humanidade.

Nas segundas integram-se as de índole cristã, que aproximam Prometeu de Jesus<sup>30</sup>, como, por exemplo, o *Prometheus Unbound* de Shelley e

<sup>25</sup> Não é relevante, a este propósito, discutir se, no fim da vida, Junqueiro terá aderido ou não ao Catolicismo, já que o plano do *Prometeu Libertado* surgiu, pela primeira vez, como ficou dito, no período da publicação da *Morte de D. João*, altura em que Junqueiro inequivocamente não professava a religião católica. Apesar de a nota ao artigo “O Sacré-Coeur” (JUNQUEIRO, Guerra — *Prosas dispersas*, Porto, Livraria Chardron, 1921, p. 13) ter sido, por vezes, entendida como uma retractação relativa à *Velhice do Padre Eterno*, o certo é que na entrevista feita por João de Barros, em Janeiro de 1922, para o jornal *A Vitória*, Junqueiro afirmava que a referida nota fora mal compreendida, asseverando que continuava a não ser católico, mas sim cristão. (OLIVEIRA, Lopes de — *Memórias*, p. 252).

<sup>26</sup> *Op. cit.*, p. 186.

<sup>27</sup> *Ibidem*, p. 153.

<sup>28</sup> Não deixa de ser estranho que não se encontre qualquer referência a Roger Dumas em nenhuma das mencionadas obras sobre Guerra Junqueiro.

<sup>29</sup> No *Prométhée* de Roger Dumas, encontra-se o seguinte alexandrino:

Jéhovah des Hébreux ou Jupiter de Grèce

(*Apud*, DUCHEMIN — *Op. cit.* p. 155).

É manifesta a semelhança com os seguintes versos da *Morte de D. João*.

O outro é o Jeová das Santas Escrituras,

O déspota sagrado,

O Júpiter cruel...

(*Ed. cit.*, p. 60).

<sup>30</sup> QUINET, Edgar — *Prométhée*, Paris, 1838, p. X informa que esta visão cristã já se encontra nos Padres da Igreja, que muitas vezes compararam o suplício do Cáucaso ao do Calvário, “fazendo, assim, de Prometeu um Cristo antes de Cristo”. Salienta, sobretudo, a frase de Tertuliano, que chamou a Jesus *Verus Prometheus* e que se referiu às cruzes do Cáucaso (*Crucibus Caucasorum*).



o *Prométhée* de Edgar Quinet, obras que Junqueiro certamente conhecia, visto que Luís de Magalhães a elas alude no citado “Prefácio”, conquanto afirme que “não passam uma e outra de incidentais e leves referências, sem nenhuma importância conceptiva nem desenvolvimento literário”<sup>31</sup>.

Se é certo que no *Prometheus Unbound* ecoam donde em onde frases evocativas da Bíblia, havendo mesmo um momento (v. 103) em que se vislumbra “um Jovem de rosto resignado pregado numa cruz”, de cuja frente escorrem “gotas duma sangrenta agonia”, no entanto o *Prométhée* de Edgar Quinet<sup>32</sup> é mais marcadamente cristão, chegando o Titã, ao divisar o Crucificado, a referir-se-lhe como a “um outro Prometeu de face divina”<sup>33</sup> e vindo, no final do drama, enviados por Jeová<sup>34</sup>, os Arcanjos Miguel e Rafael libertar Prometeu.

Mas nem só as obras de inspiração cristã são portadoras de esperança. Outras houve, de carácter laico, que igualmente podem inserir-se neste grupo; entre elas, o drama que Goethe deixou inacabado— *Prometheus* (1773)— e o poema lírico com o mesmo título (1774), que, mais tarde, veio a aproveitar para o 3.º acto do referido fragmento dramático.

A nota dominante destas obras é a revolta do Homem contra a divindade, de acordo com os ideias do Titanismo do *Sturm und Drang*, que exaltavam o indivíduo.

Do mesmo sentimento de revolta está imbuído o *Canto de Prometeu* de João de Barros, inserto na colectânea *Humilde Plenitude*, publicada em 1951.

Sintomaticamente, é “Não!”<sup>35</sup> a palavra-chave deste poema inconformista, que, segundo Ferreira de Castro<sup>36</sup>, João de Barros terá composto con-

---

<sup>31</sup> *Op. cit.*, p. 21.

<sup>32</sup> DUCHEMIN (*op. cit.*, p. 115) sublinha a tentativa, por parte deste autor, de entretecer o sentimento de revolta do Prometeu esquiliano e o ressurgir duma Idade do Ouro à Shelley com o nascimento do Cristianismo.

<sup>33</sup> *Op. cit.*, II, V, p. 78.

<sup>34</sup> A despeito de outras semelhanças que possam existir, reside aqui uma diferença essencial entre o *Prométhée* de Quinet e o *Prometeu Libertado* de Guerra Junqueiro, pois, para o autor português, Jeová simbolizava o despotismo, sendo o Jesus renaniano, como ficou dito, o libertador de Prometeu.

<sup>35</sup> Terá sido por coincidência ou por influência de Goethe que João de Barros deu relevo à negação? O *Prometheus* começa exactamente pela frase “Não quero!”, de que o “Não!” do *Canto de Prometeu* pode muito bem ser uma condensação.

<sup>36</sup> BARROS, João de — *Anteu - Sísifo* (com “Prefácio” de Ferreira de Castro), Lisboa, Livros do Brasil, 1960, p. 18..

tra aqueles “que dominavam a Europa de 1940” e que “ameaçavam fazer triunfar por toda a parte a tirania”.

Talvez, na verdade, nestes versos viva a memória da II Grande Guerra:

“Que importa a cinza do que ardeu?  
— Sou a verdade, que não morre,  
Sou a Justiça, que não morre,  
Sou a certeza e a liberdade.”

Esta liberdade que o Agrilhado encarna á a do espírito, como é de esperar num poema inegavelmente estóico como este. E, por isso, ele exclama:

“Nem um lamento, nem um ai  
Me sairá do íntimo seio...  
Nem um soluço, nem um pranto  
Adejará da minha dor...”

E mais adiante:

“Fauces rasgantes da maldade,  
Grilhões da Morte, não vos temo,  
Vive comigo o bem supremo  
Duma suprema liberdade!”

Compreende-se, assim, que João de Barros tenha inscrito como epígrafe a este seu *Canto*, o seguinte verso de Alfred de Vigny:

“Gémir, prier, pleurer est également lâche.”

Quão diferente é este altivo Prometeu do de Guerra Junqueiro que, na cena final, verte lágrimas de decepção e de arrependimento. Aproxima-se mais do de Goethe e ambos, em última análise, são herdeiros de Ésquilo.

O herói esquiliano, Filantropo por excelência, conhecendo embora antecipadamente os sofrimentos que lhe adviriam do seu acto, comete-o, ainda assim, a bem da humanidade e, por isso, afirma:

“Mas eu já sabia tudo isto. Cometi este erro por querer, por querer — não o negarei. Por valer aos mortais, eu próprio vim cair na desgraça.” (vv. 265-267)

No poema em prosa<sup>37</sup> que emoldura os octossílabos rimados do *Canto de Prometeu*, é sublinhada a filantropia do Titã que, no dizer de João de Barros, “sonha esse instante redentor, em que, partidas as algemas, trará de novo aos irmãos homens a luz do Céu que foi roubar”.

Essa luz a que o Poeta chama

“Perene alvor da Inteligência  
Manhã lustral da Consciência”

simboliza a luta contra o obscurantismo dum Prometeu humanista, que a rouba aos deuses para a dar aos homens “para que sejam mais humanos”.

Inerente ao ideal humanista está o sentido universalista do seu “Não!”, que é levado “aos horizontes mais longínquos, ao coração de homens e povos, que no silêncio e na agonia do seu mais vivo e fundo anelo, sofrem a dor e a opressão”. Esse “grito de protesto e de revolta e de verdade” dará aos homens uma nova luz, a luz íntima de Prometeu, a sua exemplar “esperança imorredora - em si, nos homens e na vida”, que faz com que se sinta livre, apesar de acorrentado:

“Não há grilhão que já cative  
Minha esperança triunfal!”

Finda a análise dos dois poemas, conclui-se que, em ambos, a liberdade se obtém pela esperança. Mas poder-se-ia perguntar: qual dos Prometeus é o mais livre: o libertado de Guerra Junqueiro ou o agrilhado de João de Barros?

*Ana Paula Quintela Ferreira Sottomayor*

---

<sup>37</sup> Esta belíssima obra de João de Barros é constituída por três partes: uma introdução em que é descrito o local junto ao mar onde o Titã se encontra agrilhado e sonhando com o momento da libertação; o canto de Prometeu, propriamente dito; por fim, uma conclusão em que é de novo traçado o cenário inicial, como que a significar a perpetuação do suplício de Prometeu.

Tanto a introdução como a conclusão são poemas em prosa, em que cada sintagma é um octossílabo. A parte central é constituída por octossílabos rimados, que alternam donde em onde com tetrassílabos e, por vezes, com o significativo monossílabo “Não!”.